

Ministros discutem conseqüências da dívida

As conseqüências do endividamento externo na economia dos países devedores foram a tônica da reunião dos ministros do Trabalho do Brasil, da Argentina, da Bolívia, do Peru, do Uruguai e da Venezuela, aberta ontem pela manhã. O ministro Almir Pazzianotto, ao abrir o encontro, afirmou que se torna imperativo o intercâmbio de informações e experiências devido ao ressurgimento democrático na América do Sul e, também, "por força das graves restrições impostas pela con-

juntura econômica, com suas funestas conseqüências no mercado de trabalho, no nível de emprego, no valor e na distribuição dos salários, das aposentadorias e das pensões".

Pazzianotto considera um desafio compatibilizar uma política nacional de trabalho com democracia e crise econômica, salientando que a experiência latino-americana demonstra que raramente a democracia resiste às dificuldades do desenvolvimento econômico, devido aos "graves constrangimentos" causados pelo endividamento externo e pela pobreza interna.

Ele afirmou segundo a EBN, que a imposição de transferir recursos ao exterior para pagamento da dívida externa, num processo que visa aumentar os superávits da balança comercial, "subtrai a capacidade de investimento e crescimento a longo prazo da economia". Essa política tem, como conseqüência, a redução do consumo interno e "um ciclo vicioso de desemprego, subemprego e deterioração das condições de vida dos segmentos mais desprotegidos da população, realimentado pela progressiva queda da massa de salários".

O discurso de Pazzianotto contra a política de exportação com o único fim de gerar superávits comerciais, em detrimento da população interna, teve o apoio dos ministros do Trabalho da Venezuela, Simon Antoni Pavan; do Peru, Orestes Rodrigues Campos; e do próprio ministro das Relações Exteriores do Brasil, Abreu Sodré. Pavan afirmou que a dívida externa está pressionando para uma convulsão social que pode gerar uma catástrofe nos países devedores. Já o ministro Abreu Sodré lembrou as palavras do ministro peruano: "Não podemos pagar a dívida externa com o sacrifício e a fome dos trabalhadores de nosso país", pois "não há liberdade com a excreção de uma classe que trabalha."

Para o ministro argentino Carlos Elbio Alderete o "tema da dívida externa exige um tratamento energético, onde o debate deve focalizar-se nas conseqüências sociais sobre as economias da região, propondo-se soluções criativas e justas, com um tratamento que nos permita escapar deste emaranhado de tecnicismos bancários, que desconhecem toda a realidade social".